

## 5. Considerações Finais

Por meio da presente dissertação, a minha tentativa foi colocar em evidência o processo desigual de desenvolvimento local sustentável promovido na comunidade do Vale Encantado, a partir, sobretudo, da chegada da ONG Abaquar nela. Para tanto, me debrucei sobre o espaço que o discurso da sustentabilidade adquiriu na comunidade. Espaço este que é produto, e também produtor, de uma lógica de desenvolvimento sustentável local. Advinda do externo, e internalizada por alguns atores, como no caso do Sr. Otávio Barros, essa lógica tem um poder muito maior de organizar o espaço da comunidade do que seus membros, não podendo, contudo, ser negado o poder que os membros da comunidade possuem de fazer a manutenção do seu próprio cotidiano.

Também busquei investigar se a prática da agrofloresta pode se constituir em um mecanismo de abertura para outros usos e outras apropriações do espaço pelos moradores de uma comunidade urbana. O que se mostrou um tanto quanto ambíguo, no caso da comunidade do Vale Encantado, pois percebi que ali essa prática sozinha não tem tanto poder, mas quando associada ao conjunto de práticas sustentáveis trazidas pela ONG Abaquar, se faz presente com bastante força, sendo até mesmo indispensável para a realização das propostas de sustentabilidade.

A chegada das práticas sustentáveis no espaço de uma comunidade que vivia, em um primeiro momento, uma realidade mais local, até mesmo pelo seu “isolamento” geográfico, fez com que as práticas locais existentes fossem confrontadas com a força desproporcional do poder hegemônico capitalista. A ONG Abaquar promoveu, com o seu estabelecimento na comunidade, uma mediação do discurso da sustentabilidade, aliado ao discurso político “verde”, que de alguma forma foram aceitos e “absorvidos” pelos moradores.

Outra tentativa, foi a de mostrar a relação que há entre os habitantes locais e as atividades, advindas do externo e praticadas na sua comunidade, buscando trazer as consequências dessa relação de poder assimétrica e as estratégias de sobrevivência desses habitantes frente às novas imposições do desenvolvimento.

No bojo desses argumentos, podemos perceber claramente um processo de mercantilização da natureza, que significa a sua apropriação pela empresa capitalista que, por sua vez, se utiliza dessa “onda verde” em busca de um diferencial competitivo para o lugar. O mais grave é que esse discurso é redirecionado de acordo com os interesses hegemônicos do externo e, em algumas ocasiões, atende a determinado público com a mera finalidade de vender seu produto, ocasionando discrepâncias na distribuição de renda e moradia.

A crise ambiental que vivenciamos hoje pode ser entendida como uma crise da racionalidade que pauta a relação sociedade-natureza. Tanto vista sob a ótica dos recursos que estão escassos, quanto sob a ideia da conservação ambiental, o que aparece como marca desses pensamentos é uma visão de que o ser humano não faz parte do sistema natural, devendo, sobretudo, dominar esse sistema. Por outro lado, dentro da prática da agrofloresta, de maneira complexa as grandes questões que se articulam são no sentido de como gerar recursos no local, sob uma abordagem do ser humano como criador de recursos.

Hoje, o que se presencia na comunidade do Vale Encantado é tanto uma constante degradação cultural do espaço, quanto uma ressignificação dessa degradação por parte de alguns atores internos, sobretudo pela liderança comunitária do Sr. Otávio Barros. Isso ocorre devido às possibilidades abertas por uma perspectiva relacional do espaço, pois onde coexistem relações existem possibilidades. A pluralidade das culturas/conhecimentos, dos espaços simbólicos e materiais, são muito mais atraentes do que a monotonia do espaço formal. Nessa medida, o espaço relacional “encantado” é muito maior que o espaço topológico do “vale”.

É interessante também notar que, o desenvolvimento local sustentável, promovido pela ONG Abaquar através, sobretudo, do ecoturismo, encontra forças internas para se promover, por meio de alguns membros da comunidade, ainda que quem atue com mais força no sentido de promover as práticas sustentáveis na comunidade seja o Sr. Otávio Barros. Através de sua liderança, as sustentabilidades vão adquirindo novos significados, ao entrar no cotidiano da vida da comunidade.

Portanto, além de buscar na prática agroflorestal um mecanismo de apropriação e uso dos espaços da comunidade, deve também ser estimulada, por meio dela, a construção da ideia de pertencimento, onde externo e interno – sujeitos locais e extra locais, se encontram e, efetivamente, cooperam.

A diferença no acolhimento é um bom exemplo disso. Nesse sentido, percebemos, de acordo com um relatório da CARPE, que a Sra. Maria e o seu sobrinho Lucas passaram a disponibilizar mais tempo para cuidar da plantação, seja regando ou colhendo-a. Não que isso seja determinado pelo dinheiro, o interessante é notar a diferença de acolhimento das nossas ideias e práticas por parte dos moradores, nos meses iniciais do projeto e após o início deste e começo do plantio. Também não pode ser determinado pelo fato dos moradores se sentirem mais à vontade plantando, do que falando e se expondo. O que marca essa etapa, portanto, é a diferença no acolhimento, que pode também ser uma questão de tempo para se desenvolver a intimidade necessária para a troca de ideias mais verdadeiras.

Também podemos indicar uma forma de cobrança que veio se dando no momento final do projeto piloto de plantio, no qual muitas vezes fomos indagados pelos moradores da comunidade sobre o porquê de não termos comparecido em algum dia determinado. Ou ‘porque determinada verdura não cresceu conforme era o esperado?’ Ou ainda, ‘quais os destinos dos meses seguintes?’ Tais perguntas nos mostraram, no mínimo, o crescente interesse pelo andamento do projeto e, mais ainda, expressou uma boa expectativa quanto ao funcionamento do projeto, na medida em que se desenvolveu um cuidado por ele. Os moradores passaram a se sentir, de certa maneira, como pertencendo àquela atividade externa a eles que fora promovida.

No vale encantado, a realidade é o isolamento, sendo este cada vez mais “superado” pelos tentáculos do desenvolvimento local sustentável. Os serviços não chegam. Luz, água, esgoto. Se ocorre uma entrega, ela não é feita na porta de casa, senão no alto da comunidade. Uma vez tive que ajudar a descer um freezer do alto da comunidade até a casa da senhora que o tinha comprado. Os serviços de limpeza, quando ocorrem, são devido à muita insistência por parte do Sr. Otávio. Tudo isso, e mais que não encontra espaço para ser relatado, remete a uma

questão muito clara no cotidiano dos moradores da comunidade, pois uma vez alijados das benesses do poder público, encontram em alguns apoiadores externos a chance de poder se inserir em algo maior do que a sua vivência cotidiana.

Através da CARPE – Projetos Socioambientais, o projeto piloto de plantio foi realizado durante nove meses, servindo para aproximar a família, que recebe o projeto, das práticas agrofloretais. No meu caso, foi bem interessante fazer parte tanto do processo de confecção do projeto, quanto do estudo sobre o projeto realizado aqui nessa dissertação. Para empreender tal articulação, a metodologia da pesquisa-ação foi de grande valia, já que ajuda a perceber o que une sujeito e objeto e não o que os separa, que é exatamente o que se buscou nessa dissertação. A separação entre sujeito e objeto é um dos motores da separação entre sociedade e natureza, que é pretendida pelo ser humano moderno.

Para encerrar, quero chamar a atenção para a relação dos hábitos da família com a prática agroflorestral. Na medida em que caminhou o trabalho da prática da agroflorestra na comunidade do Vale Encantado, pudemos perceber que os hábitos da família passaram a sofrer variações. Houve um rearranjo nos seus hábitos, para receberem o projeto piloto de plantio, que é algo que tanto pode ser visto como positivo, pois houve assim uma maior participação da família no projeto, como também pode ser visto sob um aspecto negativo, no que tange à dependência em relação ao externo para realizar suas condições de vida.

A proposta da presente dissertação foi trabalhar com as categorias de Espaço e Lugar de maneira integrada, buscando, para tanto, no lugar da comunidade, detectar os aspectos do desenvolvimento sustentável local que se materializam no espaço de maneira geral, e no lugar da comunidade, de maneira específica.

Através da prática da agroflorestra, a proposta foi apresentar para a comunidade do Vale Encantado outras maneiras de se apropriar do espaço, permitindo a eles se reconciliarem com o sistema natural que os cerca. Nesse sentido, voltando à pergunta colocada no início da dissertação, quanto à possibilidade da prática agroflorestral de servir como mecanismo de apropriação e uso do espaço da comunidade pelos moradores, podemos concluir que essa

apropriação desejada do espaço é possível, apesar de seus limites serem definidos pela relação da prática da agrofloresta com outras práticas sustentáveis que são também promovidas na comunidade.